

28 JAN 1980

Filosofia volta este ano ao currículo das escolas estaduais de ensino médio

Regis Farr

Depois de 18 anos fora do currículo do ensino médio, a Filosofia volta, este ano, a algumas escolas públicas do Rio, com a função de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino e levar o aluno, segundo o Secretário Estadual de Educação, professor Arnaldo Niskier, a "refletir sobre o significado de sua existência no mundo de hoje".

Para o presidente da Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas e coordenador do curso de mestrado de Filosofia da UFRJ, professor Olinto Antônio Pegoraro, a medida pode significar o início da transformação do sistema de ensino, "embora, para que o espírito crítico do jovem seja desenvolvido, seja necessária uma mudança do ensino de todas as disciplinas, desde o 1º grau".

ENSINO POBRE

A medida foi aprovada esta semana pelo Conselho Estadual de Educação, mas apenas como uma recomendação às escolas, uma vez que os currículos escolares só podem ser alterados pelo Conselho Federal de Educação. Este ano, a disciplina será dada em 22 das 111 escolas de 2º grau do Estado, na segunda série e, no ano que vem, todos estes colégios terão, em caráter obrigatório, Noções de Filosofia, nas duas primeiras séries.

Os colégios particulares ainda não se decidiram pela inclusão ou não da matéria em seus currículos deste ano, à exceção do Brasileiro de Almeida, dirigido pela professora Edília Coelho Garcia, subsecretária estadual de Educação, que pretende testar a reação do aluno à disciplina.

Ela diz que, em 1962, quando a Lei 4 024 tirou o caráter de obrigatoriedade da Filosofia no 2º Grau, seu colégio manteve, ainda por três anos a matéria, mas com resistência dos alunos. "A saída da Filosofia não contribuiu de forma marcante para a queda do ensino, mas ajudou a empobrecê-lo, porque as matérias que ajudam o aluno a refletir são altamente educativas, em termos de formação".

ALUNO É VÍTIMA

O professor Olinto Pegoraro vê como oportuna a volta do ensino de Filosofia ao 2º grau, por considerá-la um passo no caminho da qualidade de ensino, hoje desqualificado — no seu entender — pela burocratização do sistema educacional, pela falta de uma preparação mais profunda dos professores e pelas condições salariais.

"Tudo isto", frisa, "leva o ensino, do 1º grau à Universidade, a uma situação de extrema superficialidade, da qual o aluno é a vítima, no sentido de que lhe é cobrada, no vestibular, uma série de coisas que não lhe são ensinadas, como a redação, a

reflexão coerente e uma análise dos fatos com uma certa profundidade".

Para ele, a Filosofia sempre foi a disciplina que analisa criticamente a realidade científica, cultural e política, e "justamente por isso ela foi afastada dos currículos". No entanto, vê a simples reintrodução da cadeira no 2º grau como "remendo novo em roupa velha", uma vez que a disciplina, sozinha, não atinge a meta da orientação crítica do jovem, para o que seria necessária a transformação de todo o sistema de ensino.

"Acontece que hoje", ressalta, "o ensino de 1º e o de 2º graus estão orientados exclusivamente para o vestibular, a faculdade orienta para o diploma e o curso de pós-graduação se endereça a uma melhoria salarial. Dentro deste esquema, é impossível que se formem consciências críticas.

O ensino da Filosofia nos moldes antigos, para o professor Olinto Pegoraro, pode representar um perigo porque, à época de seu afastamento do currículo, o argumento apresentado foi o de que os alunos não suportam idéias abstratas na era da técnica e da ciência. "Ora", diz ele, "isto não é verdade: os jovens nunca foram contra a reflexão profunda, mas sempre se opuseram a uma reflexão autocontemplativa que nada tem a ver com o esforço de análise dos problemas que vivemos".

Diz ele que, nos anos 60, os professores não tinham condições de atender aos desejos neste sentido "porque a Filosofia sempre propõe uma visão pluralista e alternativa da realidade que o quadro político da época não suportava."

Com a volta da disciplina este ano, ele acha que os mesmos erros poderiam ser cometidos, pois os professores de Filosofia que serão reconvocados estão afastados do exercício da cadeira há muitos anos, além do que, se a geração de 60 não suportava divagações abstratas, a de 80 não as suportará mais ainda.